

A INFLUÊNCIA DAS TRADIÇÕES FAMILIARES E DE UMA COMUNIDADE QUANDO O ESTADO É AUSENTE, UMA DISCUSSÃO MORAL, TRANSFORMATIVA, E DA NORMA

Por: Barbara Melgaço¹

Este ensaio tem por objetivo analisar o caso teórico do livro *Os Dois Irmãos* do escritor cabo-verdiano Germano Almeida, através do exame da perspectiva transformativa que a ausência do Estado agrega a vida das pessoas de uma determinada comunidade e quais as consequências dessa ausência no âmbito psicológico, da norma, justiça, tradição e moral perante o personagem principal do livro. Será utilizado também o suporte do romance *O Matador*, da escritora brasileira Patricia Melo, no qual, a sua narrativa expõe e apresenta similaridade com esta temática por meio da história e da mudança do personagem principal, Maíquel, que assim como André, tem muitas de suas ações influenciadas pelo lugar que vive e pelas pessoas que os cercam. De acordo com Freud (p. 30, 2011) existem “três fontes de onde vêm o nosso sofrer: a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade.”

O livro *Os Dois Irmãos*, narra o julgamento de André pela acusação do crime de fraticídio, ou seja, o assassinato do seu próprio irmão, após o regresso a sua aldeia em Cabo Verde, devido a uma carta enviada pelo seu pai a contar um suposto adultério entre a sua esposa e o seu irmão, João. Meses depois do seu regresso, e pressionado pela aversão do seu pai e da tradição de sua vila, André mata o seu irmão.

Durante o julgamento, além de expor a história através das testemunhas, depoentes e das observações dos próprios advogados e administradores da lei, também percebemos a história do crime através dos olhos do próprio André. É importante lembrar, que mesmo sendo um texto baseado em um caso teórico de julgamento, é possível perceber que a narrativa também adiciona elementos de ficção, não é de fato somente uma narração jurídica dos fatos como em um julgamento. Assim, para que seja melhor examinado, o leitor é levado a conhecer a vida de André, desde a sua saída da aldeia (Ilha de Santiago), até algumas memórias da sua vida quando emigrou

¹ Formada em Português (menor em inglês) pela Universidade de Coimbra; Direito UFRJ

para Portugal. Esses trechos e apontamentos levam o leitor a perceber uma relação contraditória a qual André tinha com a sua terra de origem. Por um lado, é perceptível um homem que já não lá se identifica, mas que carrega consigo, mesmo que internamente, obediências culturais a resultar em um comportamento de aceitação por aqueles da sua vila quando do seu retorno, e principalmente, por seu pai.

“Cada homem é um pequeno mundo e você só poderá bem julgá-lo, se for capaz de entrar no seu mundo e o compreender como ser humano.”²

De acordo com Singer³,

“Os complexos culturais são baseados em experiências históricas frequentemente repetidas que se enraizaram na psique coletiva de um grupo e nas psiques dos membros individuais de um grupo, e eles expressam valores arquetípicos para o grupo.”

Nesse aspecto, a descrição e caracterização de alguns personagens será fundamental para entender a construção do próprio André, que tem na figura e, conseqüentemente, influência do seu pai, o fator fundamental para o resultado do crime cometido. Assim como, o ambiente, a aldeia de origem da família e de André, por si só.

A sua comunidade, assim como seu pai, são personagens fundamentais para a construção da moralidade imposta à André, e a qual ambiente deve “obedecer”, obediência essa no sentido de obrigações e deveres, as mesmas as quais deveria utilizar perante o Estado. Isso quer dizer que, a lei do Estado, para muitos, pode não ser a maior lei hierárquica e isso pode ocorrer quando o Estado se torna ausente para as pessoas daquele determinado espaço e, leis secundárias, ou as tradições de certos espaços passam a ser mais respeitadas e sobrepõe-se as normas públicas conhecidas. O resultado, portanto, dessa ausência, será o próprio não cumprimento das normas de Estado e que podem ocasionar delitos e crime.

Por outra ótica pode não ser correto, mas é justo e vice versa, tudo isso dentro de uma concepção de moralidade que pode divergir e mudar de sociedade para sociedade. Por exemplo,

² ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (p. 16). CAMINHO. Kindle Edition.

³ Singer, T. & Kaplinsky, K. Complexos culturais em análise. In: Psicanálise Junguiana. Petrópolis: Vozes, 2019 (p. 60)

matar, geralmente, é considerado moralmente incorreto, entretanto, em alguns Países, matar é aceito para determinadas situações e pode ser considerada imoral, porém, que para um parâmetro de justiça é legal – essa situação é muito comum em Países que utilizam a pena de morte no sistema judiciário/carcerário.

“(…) a moralidade é caudalosa desde o início, integrada culturalmente, completamente ressonante, e revela-se mais rala somente em ocasiões especiais, quando a linguagem moral é voltada para propósitos especiais”⁴

Sendo assim, o que se argumenta é que, na maioria das vezes, a moral determinada pelo Estado não sobrepõe a cultura.

I. TRADIÇÕES COMO NORMA EM MEIO A AUSÊNCIA DO ESTADO.

A segunda referência para este trabalho, é o romance da escritora Patricia Melo, nele, acompanhamos a história de Maíquel, um jovem nascido e criado em uma grande periferia Brasileira na qual, assim como diversas outras, é marcada pelo descaso do poder público e coberta pelo domínio da milícia. Maíquel, após perder uma aposta durante um jogo de futebol, pinta o seu cabelo de loiro e essa mudança mudará a sua vida e o fará enxergar-se de forma diferente, com mais confiança, como um herói. Essa mudança transformará o seu comportamento perante as pessoas da sua comunidade e do seu ciclo social.

Para Maíquel, a transformação do seu cabelo não foi apenas na sua aparência, foi para si o nascimento de um novo homem e de uma nova atitude, sobre aquilo que poderia extrair do seu entorno e, conseqüentemente, de como entendê-lo. O mundo não existia mais só para o punir, mas sim para presentear-lo. É a história de um “herói” que tem um porco de estimação e sofre uma enorme dor de dente. Essa dor, a que desencadeará diversas ações do personagem, cômicas e criminosas. O herói passará de mais um morador, anônimo, da sua comunidade para uma conhecida e importante figura para as pessoas que lá habitam, ele passará a impor as regras e não somente a obedecê-las. Assim ganha o respeito de todos, na sua comunidade.

⁴ Walzer, M. Thick and thin: moral argument at home and abroad. Notre Dame: Notre Dame University Press, 1994, p. 4

De acordo com a psicologia analítica⁵ a persona seria o papel social que representamos nas diversas atividades que realizamos, a nossa “máscara” para atuar em sociedade e vão sendo construídas ao longo da vida, buscando acima de tudo, a atuação social, ou seja, é aquilo que quero que os outros vejam em mim, o médico, o professor, o aluno, o pai, a mãe, o filho etc. e no caso de Maiquel, o matador.

Ao constituir uma persona que, aos olhos da comunidade em que vive, é mais aceitável, respeitável e até mesmo representativa de importância, Maiquel sai do anonimato. Em uma sociedade como a do personagem, a “melhor” persona pode não ser aquela que segue as regras do Estado, já que existem outras normas e demandas e o personagem se esforça para apresentar a persona perfeita e bem-sucedida, de acordo com o estereótipo reforçado pela cultura do meio em que vive. Portanto, Maiquel percebe rapidamente que se não se encaixar nessas demandas, seja por que motivo for, se sentirá isolado, solitário e até marginalizado.

Na comunidade em que Maiquel vive, os “cabeças” do tráfico ou das milícias oferecem, embora precariamente, mais do que o próprio Estado, como por exemplo, saúde, comida, segurança, entre outras coisas as quais o poder público não consegue prover, seja por falta de recursos, de interesses políticos ou por corrupção. A partir dessa perspectiva, começa a existir um cumprimento de regras internas com obrigações e deveres. Comportamentos são guiados pela cultura do que é certo e do que é aceito dentro daquele espaço. É claro, que não está sendo afirmado aqui que esse tipo de situação é uma norma para todas as periferias do Brasil, mas sabe-se que é para quase todas.

O paralelo que podemos traçar em relação ao livro Dois Irmãos e o romance de Patricia Melo, em um primeiro momento, é como as regras internas, ou seja, a cultura dentro de espaços e as tradições presentes entre as comunidades em que as pessoas se encontram são mais fortes e presentes que as normas do próprio Estado de direito. Isso quer dizer que as “tradições” internas dessas áreas sociais são mais respeitadas que as próprias regras sociais (leis, normas, códigos) impostas pelo governo e o sistema judiciário de seus próprios países. Isso pode ocorrer como resultado de uma não assimilação da comunidade com o Estado, como no caso de Germano Almeida ou pela ausência total do Estado dentro desses expoentes, como no livro de Patricia Melo.

⁵ Jung, C. G. A natureza da psique. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013

“proferido. Porque nós, os homens que tivemos a sorte de nascer e crescer e ser educados em cidades, por mais provincianas que sejam, não estamos em condições de avaliar o que significa ser-se banido numa aldeia de 80 pessoas, o que é sentir-se espiado em cada passo que se dá, o que é sentir-se perseguido e acuado, não apenas pelos olhares como até pelos próprios pensamentos daqueles que se julgam no direito de se sentirem enganados e ultrajados pelo nosso comportamento que consideram estranho.”⁶

No caso de Maiquel, as leis das ruas, e quase um *Olho por Olho, Dente por Dente*, são mais significativas e as consequências de não respeitá-las ou segui-las tem uma implicância maior do que, por exemplo, ser preso e penalizado por algo que é considerado um crime, no caso, os diversos crimes cometidos por Maiquel, como no início do romance com o assassinato de Suel, como o tráfico de drogas e outros crimes menores que cometerá durante a narrativa. Para Maiquel, impôr o respeito e ser respeitado dentro da sua comunidade afasta os seus inimigos, que passam a temer serem as próximas vítimas.

Importante ressaltar que o personagem, apresentava a persona de um cidadão comum dentro da sua comunidade, vivia despercebido e sua mudança de comportamento, ocorre após a coloração do seu cabelo, após pintá-lo de loiro. Patrícia Melo aqui argumenta que somos uma sociedade padronizada e só nos sentimos abraçados quando estamos dentro desses padrões. E esse padrão corresponde ao ser o mais branco possível, Morgan (p.218, 2004) afirma que se o que se declara ser bom é branco, então quanto mais você se ajusta a isso, mais ganha aceitação.” O loiro eleva Maiquel a um novo status, mas isso ocorre primeiro aos seus próprios olhos. Ele agora se percebe mais branco, o loiro o associa ao nome “estrangeiro” escolhido pela mãe, Maiquel e o eleva a outro status.

Sendo assim, Maiquel assume a persona que se encaixa no padrão das pessoas que compartilham a cultura da sua comunidade, ele é aceito por essa comunidade e esse círculo passa a ser o seu mundo e a sociedade a qual escolhe respeitar. Após um aumento de auto estima e controle ele sente-se acima das outras pessoas que lá estão, seus amigos, vizinhos etc e quer fazer parte do grupo mais seletivo, que são aqueles que controlam essas comunidades, na periferia. Para que consiga adentrar a este grupo, o único jeito é mostrar que é temido, e por isso mata Suel na

⁶ ALMEIDA, Germano. Os Dois Irmãos (pp. 79-80). CAMINHO. Kindle Edition.

frente de diversas pessoas. Esse ato desencandeia uma elevação de Maíquel que passará a ser uma liderança, a fazer parte do controle de onde vive, tornando-se assim, o poder o substituto do espaço das Instituições públicas, que deveriam oferecer apoio à população.

Situação similar se repetirá no livro de Germano Almeida na figura da tradição que segue com as pessoas que moram na sua pequena aldeia, na Ilha de Santiago. No caso da vila de André não é a milícia ou o tráfico que substitui o Estado, mas sim, as tradições e a cultura daquela população que se colocam acima, moralmente, do poder judiciário ou das normas de matrizes europeias, impostas pela colonização portuguesa. As pessoas que lá estão não se identificam por completo com essas normas, isso porque, a construção cultural de um povo percorre e sobre-passa o colonialismo e quando o Estado não é suficiente ou não entende que está a lidar com culturas diferentes, essas encontram outros meios para lidar com seus problemas.

Por isso, a similaridade entre ambas as narrativas incia-se de um ente comum, a omissão do Estado diante das necessidades da sua população. Contudo, o catalizador para o cometimento de atos ilícitos, para André e para Maíquel são diferentes, o primeiro está conectado ainda com as tradições e a moral creditada aos valores culturais das pessoas, de uma determinada região, e mais incisivamente do seu pai e, mesmo não se sentindo pertencente àquele local, André ainda sente a necessidade e a obrigação de obedecer as regras/tradições que lá existem. Para Maíquel, o catalizador, é o respeito que ganharia das pessoas da sua comunidade e mais ainda daqueles que detinham o poder dentro daquele território, ou seja, para Maíquel o poder e o status era o principal componente.

Ambos concordam que as suas ações não são justas ou corretas aos olhos gerais, tirar uma vida é errado, por mais que se deseje justificar que exista um motivo por trás disso. Entretanto, a moral por trás do seu ato não está conectada a moral ligada a justiça, mas sim a uma moral construída socialmente dentro de um grupo. No caso de André esse grupo é composto pelas pessoas que seguem uma tradição mais arcaica ou antiga da sua vila, independente da sua origem, enquanto que para Maíquel é o grupo de pessoas que detém o poder dentro da sua área de vivência

“Assim, pode ser igualmente apropriado descrever-nos como divididos entre lealdades conflitantes – lealdade para com nossa família e para com

um grupo amplo o suficiente para incluir a vítima de nosso perjúrio – antes que entre lealdade e justiça.”⁷

A moralidade, portanto, não inicia-se como uma obrigação para ambos, mas sim como uma “confiança entre esses laços de um grupo, tal como uma família ou clã. Comportar-se moralmente é fazer o que vem com naturalidade no tratamento com pais e crianças ou com membros do clã. Isso equivale a respeitar a confiança que depositam.”⁸

Por isso, no caso de André, a influência da sua família e das pessoas da sua vila carregará uma enorme responsabilidade no cometimento da sua ação criminosa. Em sua vila, as tradições culturais são algo, que com o passar da leitura é possível verificar, carrega uma carga enorme. O adultério, aos olhos das pessoas de seu grupo não é algo aceitável e mancha a moral e o respeito de toda a sua família e no caso da comunidade de André, ao que parece, uma macha como essa só pode ser limpa por meio de sangue.

“(…) pai tinha abanado a cabeça para cima e para baixo num gesto fatal e tinha dito que a vergonha tinha-lhe entrado na sua família adentro.”⁹

“(…) ficou olhando para o seu pai, sem saber que lhe poderia responder, até que este acrescentou que em toda a aldeia não se falava de outra coisa que não fosse aquela vergonha e ele seu pai só estava desejando que houvesse algures nas redondezas um buraco bem fundo onde pudesse meter-se e esconder os seus cabelos brancos.”¹⁰

“(…) teu irmão é um desnaturado!”¹¹

“Incitado pelo digno agente a dizer se na sua opinião pessoal **aquela vergonha só podia ser lavada com sangue**, respondeu que essas são questões do foro íntimo de cada homem e que só diante de uma vergonha daquela natureza ele poderia responder com conhecimento de causa porque, felizmente, nunca lhe fora dado passar por qualquer tipo de desonra.”¹²

⁷ RORTY, RICHARD. Justiça Como Lealdade Ampliada. Disponível em < https://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/rorty_justica.pdf >

⁸ Apud

⁹ ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (p. 21). CAMINHO. Kindle Edition.

¹⁰ ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (pp. 21-22). CAMINHO. Kindle Edition.

¹¹ ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (p. 22). CAMINHO. Kindle Edition.

¹² ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (p. 37). CAMINHO. Kindle Edition.

É ainda o Pai, que por meio de uma carta contará ao seu filho que o irmão, supostamente, cometeu tal traição. Não há dúvidas, para o pai, que algo aconteceu (mesmo que de fato nada tenha acontecido), uma vez que as pessoas da sua vila acreditam e a sua moral não é mais ilibada, algo para a sua família deve ser feito.

“(…) o pai tinha concluído o seu dramático discurso dizendo expressamente: «O teu irmão é um desnaturado, faz com ele o que entenderes.»¹³

“não há neste angustiante processo apenas uma vítima, mas sim duas vítimas, porque ficou bem clara ao longo de toda essa tragédia uma odiosa e desumana instigação ao fratricídio.”¹⁴

“resumi no sentido de lhe pedir que não acreditasse em nada que o pai lhe dissesse porque não era verdade quanto ele andava a espalhar.”¹⁵

Germano Almeida, numa espécie de interpretação moderna da história bíblica de Caim e Abel, constroi não apenas uma narrativa em volta de um caso jurídico, mas dentro dele, explica as construções familiares e morais em que nós, seres humanos, somos moldados. A família, em um primeiro momento é aquela que funda o indivíduo nos seus primeiros anos e a sua comunidade molda as tradições nas quais a família se estabelecerá. Para muitos o respeito e seguir as tradições da sua cultura é mais importante que seguir regras feitas por um governo que não se assimila com o povo que lá mora.

Caso a influência das tradições em si não fossem tão grande, André conseguiria se distanciar dessa cobrança e não cometeria o crime. Sendo assim, André, é também vítima, de um Estado que não o ampara e de uma obediência e obrigação a algo que nem mesmo quer fazer parte.

“não há neste angustiante processo apenas uma vítima, mas sim duas vítimas, porque ficou bem clara ao longo de toda essa tragédia uma odiosa e desumana instigação ao fratricídio.”¹⁶

¹³ ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (p. 22). CAMINHO. Kindle Edition.

¹⁴ ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (pp. 22-23). CAMINHO. Kindle Edition.

¹⁵ ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (p. 25). CAMINHO. Kindle Edition.

¹⁶ ALMEIDA, GERMANO. Os Dois Irmãos (pp. 22-23). CAMINHO. Kindle Edition.

Sendo assim, os dois textos apresentam o quanto um sujeito pode ser moldado psicologicamente pelo seu entorno e o quanto pode permanecer preso a este modelo, mesmo sendo este o oposto do que é determinado pela norma do Estado. O importante é que se atente para o fato de que a ausência do Estado e ou a falta de proximidade deste na compreensão das questões culturais e amparo ao seu povo elevam a possibilidade de existência de cada vez mais Maiquels e Andrés.

II. REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, G. Os Dois Irmãos (p. 16). CAMINHO. Kindle Edition.
2. COSTA, P. dos S. S. A formação da identidade cabo-verdiana na obra de Germano Almeida. Disponível em : < https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32544/1/2018_PollynadosSantosSilvaCosta.pdf >
3. JUNG, C. G. A natureza da psique. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013
4. LISBOA, G. A Questão da Justiça em Richard Rorty. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/393926105/A-questao-da-justica-em-Richard-Rorty-pdf> >
5. MACHADO, A. P. Estudos sobre o narrador não-confiável e outras estratégias discursivas em “a confissão de lúcio”, de Mário de Sá-Carneiro. Disponível em < <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/augustopaim.pdf> >
6. MACHADO, L. O narrador não confiável: a enganação como recurso cinematográfico. Disponível em < <http://jornalismojunior.com.br/o-narrador-nao-confiavel-a-enganacao-como-recurso-cinematografico/> >
7. MELO, P. O Matador. Companhia das Letras – Editores S.A. 1ª Edição. Setembro de 2001.
8. Por que a ausência do estado abre espaço à barbárie? Disponível em: < <https://porque.com.br/por-que-a-ausencia-do-estado-abre-espaco-a-barbarie/> >
9. RORTY, R. Justiça Como Lealdade Ampliada. Disponível em < https://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/rorty_justica.pdf >
10. SINGER, T. & KAPLINSKY, K. Complexos culturais em análise. In: Psicanálise Junguiana. Petrópolis: Vozes, 2019 (p. 60)
11. SOARES, J. A habitual ausência do Estado nas favelas. Disponível em: < <https://www.kooperation-brasilien.org/pt-br/publicacoes-1/brasilicum/257-pandemia-e-ignorancia-politica/a-habitual-ausencia-do-estado-nas-favelas> >